

Possibilidades analítico-comportamentais para a análise e investigação dos Transtornos de Personalidade

Analytic-behavioral possibilities to the analysis and investigation of Personality Disorders

Posibilidades analítico-conductuales para el análisis e investigación de los trastornos de personalidad

Fernanda Calixto¹, Roberto Alves Banaco²

[1] Universidade Federal de São Carlos, Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento [2] Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento | **Título abreviado:** TAC e Transtornos de Personalidade | **Endereço para correspondência:** | **Email:** fernandac.calixto@gmail.com | doi: 10-18761/PAC.TAC.2019.010

Resumo: Personalidade, certamente, é um tema central nas ciências psicológicas. Tradicionalmente, é entendida como uma instância imaterial explicativa, responsável pelo comportamento manifesto e intimamente relacionada à nossa compreensão de individualidade. Na análise do comportamento, a descrição operacional do conceito e a compreensão das suas variáveis funcionalmente relacionadas ocupam destaque. Nesta perspectiva, a personalidade é entendida como o próprio *se comportar* diferencialmente selecionado pelas contingências históricas e vigentes. Para além da compreensão dos processos envolvidos na formação do que entendemos por personalidade, uma atenção especial é fornecida para a compreensão funcional das personalidades tidas como “desviantes” e agrupadas, topograficamente, como transtornos. O objetivo do presente trabalho é apresentar possibilidades de avaliação e investigação dos Transtornos de Personalidade na perspectiva analítico-comportamental. Especificamente, a análise funcional é proposta como um modelo complementar ao do DSM na avaliação e definição de intervenções. Adicionalmente, os modelos experimentais de *momentum comportamental*, paradigma naturalístico de mãe abusiva e de impulsividade são propostos na investigação de algumas classes de respostas características dos transtornos de personalidade.

Palavras-chave: Transtorno de personalidade, modelos experimentais, análise funcional.

Abstract: Personality is an assuredly central theme within the psychological sciences. It is traditionally regarded as an explanatory immaterial instance, responsible for overt behavior, and closely related to our understanding of individuality. In behavior analysis, the concept's operational description and the understanding of its functionally related variables are highlighted. From this perspective, personality is understood differential responding selected by historical and current contingencies. Beyond the understanding of so-called personality-building processes special attention is drawn to functionally understanding personalities regarded as "deviant" or "afflicting". This study aims at presenting possibilities of assessment and investigation for personality disorders from behavior analysis perspective. More specifically, functional analysis is proposed as a complementary model to the DSM in the evaluation and definition of interventions. Additionally, we propose an investigation of response classes typically associated with personality disorders through experimental models of behavioral momentum, naturalistic paradigm of abusive mother, and impulsivity.

Keywords: Personality disorder, experimental models, functional analysis.

Resumen: La personalidad es ciertamente es un tema central en las ciencias psicológicas y podemos considerarla como una posibilidad inmaterial, explicativa, responsable del comportamiento manifiesto y estrechamente relacionado a nuestra comprensión de individualidad. En el análisis del comportamiento, se resaltan las descripciones operativas del concepto la comprensión de sus variables y funciones. En esta perspectiva, se entiende por personalidad o propio comportamiento y la respuesta diferencial seleccionada por contingencias históricas y actuales. Además de la comprensión de los procesos involucrados y desarrollados en la formación de lo que llamamos de personalidad, dedicamos una atención especial para las funciones de personalidades comprendidas como funcionalmente desviadas y agrupadas topográficamente, como trastornos. Este estudio objetiva presentar posibilidades de evaluación y investigación para los trastornos de la personalidad en una perspectiva analítico-conductual o analítico comportamental se proponiendo como un modelo complementario al DSM en la evaluación y definición de intervenciones. Proponemos una investigación de clases de respuestas asociadas con los trastornos de personalidad a través de modelos experimentales del momentum conductual, paradigma naturalístico de una madre abusiva y impulsividad.

Palabras-clave: trastorno de personalidad, modelos experimentales, análisis funcional.

Investigar os fatores que nos tornam seres únicos, assim como os responsáveis pelas características que compartilhamos, é um tema de extremo interesse em diferentes áreas da psicologia (Alchieri, Cervo & Núñez, 2005; Caballo, 2008; Fadiman & Frager, 2002). O interesse pelas nossas singularidades e semelhanças é demonstrado tanto pelas investigações conceituais e experimentais do que entendemos por um *Eu*, quanto nos testes e *quizzes* que respondemos – sem qualquer comprovação científica- que afirmam desvendar nossas características pessoais.

Usualmente o conjunto de características singulares de um indivíduo, regulares ao longo de sua vida, é entendido como uma expressão de sua personalidade (Alchieri et al, 2005). Outro fato comum consiste em agrupar diversas características e as considerar definidoras de um tipo de personalidade particular. Alguém que, em diversas situações, emite respostas entendida pela nossa comunidade verbal como de timidez, por exemplo, é tido como uma pessoa de personalidade tímida. Do mesmo modo, alguém que se comporta de forma agressiva em diversas situações, passa a ser visto como alguém de personalidade agressiva, opositora ou até mesmo antissocial. Desta forma, a personalidade é entendida como uma instância imaterial explicativa, responsável pelo comportamento manifesto e intimamente relacionada à nossa compreensão de individualidade.

Autores de abordagens psicodinâmicas, como Freud e Jung, em suas obras deram destaque especial as experiências e relações da primeira infância na constituição da personalidade e seus tipos (Carver & Scheier, 2000; Ethegoyen, 2004). De modo extremamente geral, as diversas vivências e afetos com os cuidadores - cabendo ao papel da mãe um destaque especial - afetaria diretamente a formação da personalidade de um indivíduo. Os comportamentos tidos como inapropriados ou desviantes seriam sintomas e manifestações de uma personalidade patologizada como produto das vivências da primeira infância. Nesta perspectiva, a dualidade entre mente e corpo, tão comum em algumas ciências psicológicas, é notável na compreensão do fenômeno, relacionando a personalidade ao conceito de mente (manifestação dos meus pensamentos e o meu verdadeiro eu) e os sintomas

observáveis, possíveis de mensuração, apenas como uma mera expressão de um corpo físico afetado por uma mente saudável ou não saudável. Vale mencionar ainda que a personalidade, na visão psicodinâmica, é compreendida como extremamente estável, desta forma, uma vez constituída, pouco se poderia fazer no sentido de alterá-la. Por exemplo, alguém de personalidade histriônica manifestaria determinadas características diagnósticas (em menor ou maior grau) ao longo de toda vida.

A compreensão da personalidade, enquanto entidade explicativa do comportamento manifesto, não é presente apenas nas obras de Freud e Jung. No livro *Hilgard's Introduction to Psychology*, a personalidade é definida como “os padrões distintos e característicos de pensamento, emoção e comportamento que definem um estilo pessoal de interação de uma pessoa com o ambiente físico e social” (Atkinson, Atkinson, Smith, Bem & Nolen-Heoksema, 2002, p.457). Definições semelhantes são encontradas nos livros introdutórios de psicologia que assumem a personalidade enquanto entidade explicativa e definidora do comportamento.

A compreensão da personalidade e sua relação com os diferentes padrões comportamentais apresentados, impulsionou um vasto campo de investigações psicométricas, no qual testes, escalas e inventários são utilizados para auxiliar no diagnóstico de possíveis transtornos (Bell-Pringle, Pate & Brown, 1997; Fadiman & Frager, 2002; Raine, 1991). Nos campos da Psiquiatria e da Psicopatologia, enquadradas no modelo biomédico de saúde mental, o enfoque de atuação principal em relação a temática personalidade é a sua definição e posterior diagnóstico dos seus transtornos. De acordo com o DSM-V (2013), o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana, o transtorno de personalidade é:

Um padrão persistente de vivência íntima ou comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo, é invasivo e inflexível, tem seu início na adolescência ou começo da idade adulta, é estável ao longo do tempo e provoca sofrimento ou prejuízo (p. 685).

O DSM-V apresenta 10 transtornos de personalidade específicos. Todos são definidos de forma nomotética distribuídos em três agrupamentos que compartilham características diagnósticas em comum. No Agrupamento A, estão listados os Transtornos da Personalidade Paranoide, Esquizoide e Esquizotípica, no qual os indivíduos costumam ser descritos como isolados socialmente, inexpressivos, distantes e desconfiados. No Agrupamento B, os Transtornos da Personalidade Antissocial, Borderline, Histriônica e Narcisista, no qual os indivíduos são descritos como impulsivos, dramáticos e imprevisíveis. No Agrupamento C, os Transtornos da Personalidade Esquiva, Dependente e Obsessivo-Compulsiva, no qual os indivíduos são descritos como medrosos, ansiosos, dependentes, fóbicos e submissos. Os transtornos são classificados de acordo com suas singularidades em relação aos demais (para detalhes consultar o DSM-V), havendo em comum as seguintes características: Persistência de padrões sociais e afetivos destoantes do esperado culturalmente, início precoce e estável ao longo da vida.

Por se enquadrar no modelo médico de atuação, no DSM-V, os sintomas e características diagnósticas são apresentadas de forma topográfica e pouca ênfase é dada ao ambiente no qual o indivíduo diagnosticado se encontra inserido. Apesar do diagnóstico de transtorno de personalidade ser baseado nos critérios descritivos do DSM-V, autores apontam questionamentos sobre sua acurácia. De acordo com Simonsen e Widiger (2006) um complicador comum ao diagnóstico dos transtornos de personalidade ocorre quando muitos indivíduos alcançam critério para mais de um transtorno. Tal fato, levanta questionamentos sobre a confiabilidade diagnóstica pelo modelo biomédico nos moldes atuais e aponta que a fronteira entre o normal e o patológico pode ser arbitrária e muitas vezes instável.

Na análise do comportamento, ciência interessada em desvendar os processos de aprendizagem e as leis gerais do comportamento, conceitos relacionados ao fenômeno "personalidade" e seus transtornos, se diferenciam enormemente das interpretações psicodinâmicas presentes até a atualidade nos modelos diagnósticos. Adicionalmente, apresenta modelos avaliativos do comportamento que podem se constituir uma forma alternativa ou

complementar ao modelo do DSM. No presente artigo os seguintes tópicos serão apresentados: (a) Perspectiva analítico-comportamental da personalidade e seus transtornos; (b) Análise funcional de classes de respostas como modelo avaliativo dos transtornos de personalidade e (c) Modelos experimentais focados em investigar características diagnósticas gerais dos transtornos de personalidade.

Perspectiva Analítico-comportamental da personalidade e seus transtornos

O tema personalidade, assim como autoconhecimento, autocontrole e outros que tradicionalmente remetem a um Eu interior causador do comportamento, nas décadas iniciais da construção teórica e conceitual analítico-comportamental não ganhou o mesmo destaque observado em outras abordagens psicológicas. Semelhante ao entendimento tradicional, na perspectiva analítico-comportamental, personalidade é compreendido como um padrão estável de comportamento ao longo da vida de um indivíduo, mas, as divergências de análise do fenômeno são gritantes. Mais especificamente, Skinner (1953/2003) se refere à personalidade como um responder diferencial selecionado por circunstâncias ambientais e, deste modo, diferentes personalidades, ou seja, diferentes padrões de respostas, seriam emitidos a depender das relações ambientais estabelecidas.

Sob circunstâncias apropriadas a alma tímida pode dar lugar ao homem agressivo. O herói pode lutar para esconder o covarde que habita a mesma pele...O crente impiedoso dos domingos pode tornar-se um homem de negócios agressivo e inescrupuloso nas segundas-feiras (Skinner, 2003, p 313).

No trecho acima é claro que para Skinner a personalidade deixa de ser compreendida como uma entidade única determinante do responder e passa a ser entendida como o próprio *se comportar* diferencialmente selecionado pelas contingências históricas e vigentes. Diferentes ambientes permitem/selecionam padrões comportamentais variados –

diferentes personalidades, e ao mesmo tempo, devido a uma equivalência funcional entre respostas, um *Eu* constante (no qual, podemos prever como alguém irá se comportar) é possibilitado. Além de explicar conceitualmente o que entendemos por personalidade, encontramos na obra de Skinner - e de autores analítico-comportamentais (Lundin, 1974; Banaco, Vermes, Zamignani, Martone & Kovac, 2012; Nelson-Gray & Farmer, 1999) - a descrição da formação do fenômeno por meio da interação do indivíduo com seu meio.

Skinner (1974), expõe de maneira clara que os princípios de seleção por consequências responsáveis pela determinação do comportamento também são responsáveis pela formação e manutenção do que entendemos por personalidade. A determinação dos comportamentos ocorre em três níveis, filogenético, ontogenético e cultural que atuam de modo complementar. Iremos destacar o primeiro e segundo nível de seleção no presente artigo. Para uma análise do papel do terceiro nível de seleção na formação da personalidade recomenda-se a leitura de Andery (1997), Banaco et al. (2012), De Rose (1997) e Tourinho (2009).

Na seleção filogenética – o primeiro nível de seleção- encontramos aspectos inatos responsáveis pela determinação dos padrões estáveis de comportamento. Todos os organismos apresentam padrões fixos de reações a eventos ambientais. Tais padrões são denominados reflexos incondicionados e garantem que os organismos respondam diferencialmente – evitando eventos que possam ser prejudiciais à sobrevivência e se aproximando de eventos potencialmente benéficos. Outra capacidade fundamental à vida de um organismo em um ambiente em constante mudança é a sensibilidade aos efeitos das suas ações sobre o mundo (Skinner, 2003; Catania, 1999). A depender das consequências de nossas ações, nosso comportamento é diferencialmente afetado. Apesar da sensibilidade às consequências ser fator comum a diversos organismos (desde abelhas a humanos) a intensidade com que cada evento afeta um organismo, ou em outras palavras, a sensibilidade do organismo a esses eventos é uma característica diferencial entre os membros de uma mesma espécie.

Corr (2004, 2008), representante da teoria da personalidade de sensibilidade do reforço (originalmente, *the reinforcement sensitivity theory of perso-*

nality) argumenta que a depender da sensibilidade que os organismos apresentem a determinados estímulos, diferentes padrões de respostas são selecionados. Um fato comprovado é que os organismos são sensíveis às consequências imediatas de suas ações, ou seja, o responder aumenta ou diminui de frequência após o contato com determinados eventos. A ênfase, nesta abordagem é especificamente na sensibilidade diferencial do organismo perante eventos do mundo. A compreensão do que se entende por sensibilidade nesta perspectiva é a resposta à seguinte pergunta: Com que intensidade um evento afeta o comportamento de um organismo? Quanto maior o efeito no responder mais sensível podemos dizer que um organismo é a aquele evento.

Sabemos que devido a uma seleção filogenética, alguns componentes de alimentos, como sal, açúcar e gordura, são particularmente preferidos para a maior parte dos indivíduos, e deste modo, a busca por tais alimentos ocorrerá com maior frequência. Entretanto, encontramos diferenças entre indivíduos em relação a essa preferência. Para um indivíduo altamente sensível, a presença de alimentos ricos em açúcar, gordura ou sal poderia ser o bastante para um aumento de frequência dos comportamentos que garantissem o contato com esses alimentos. De modo semelhante à sensibilidade aos alimentos, diferenças de sensibilidade entre indivíduos também são encontradas em relação aos demais sentidos. A sensibilidade maior a diferentes tipos de estímulos auditivos, por exemplo, estaria relacionada a uma maior percepção musical e poderia aumentar a probabilidade de o indivíduo se engajar em atividades musicais.

Outra possibilidade é uma sensibilidade diferencial perante eventos potencialmente aversivos. É comum por exemplo, que crianças pequenas chorem, paralisem e apresentem contração muscular perante ruídos intensos. No entanto, para cada criança, a intensidade de tais ruídos pode precisar ser maior ou menor para desencadear as respostas tidas como de medo. Um indivíduo altamente sensível a eventos potencialmente aversivos - como o ruído, neste caso - poderia apresentar ao longo da vida, com maior frequência, padrões de esquiva próximos aos apresentados por indivíduos diagnosticados com o Transtorno da Personalidade Esquiva.

Em relação ao segundo nível de seleção, a ênfase de análise se dá nas contingências responsáveis por selecionar determinadas classes de respostas ao longo da vida de um indivíduo. Para Skinner (2003) o que entendemos por personalidade deve ser compreendido como um “sistema de respostas funcionalmente unificado”. Os traços de personalidade, deste modo, estáveis ao longo da vida do indivíduo e apresentados em múltiplos contextos, são respostas funcionalmente equivalentes e o papel do analista do comportamento é identificar nas interações do indivíduo com seu ambiente as determinações dos padrões característicos de uma personalidade específica. Em uma perspectiva analítico-comportamental, portanto, ao analisarmos os fatores responsáveis por alguém apresentar comportamentos agressivos (e por esse motivo ser tido como alguém de personalidade agressiva), focamos nossa análise na descrição das contingências reforçadoras históricas e presentes responsáveis por sua seleção. A agressividade deixa de ser entendida como um traço de personalidade e passa a ser entendida como uma classe de respostas - uma vez que respostas agressivas ocorrem em diversas condições ambientais funcionalmente equivalentes entre si.

Na seleção e manutenção dos padrões comportamentais regulares ao longo da vida de um indivíduo, processos respondentes e operantes estão implicados. Lundin (1977) na obra *Personalidade: Uma Análise do Comportamento*, ao apresentar o clássico caso do pequeno Albert, destaca o papel do pareamento entre estímulos na determinação de padrões comportamentais ao longo da vida. No caso de Albert, o pareamento de um estímulo inicialmente neutro (rato) com um evento aversivo (forte ruído), foi suficiente para evocar respostas de esquiva perante estímulos similares ao condicionado, mesmo após a finalização do estudo. Ao analisarmos os determinantes de padrões de esquiva, o analista do comportamento investigará se, na história do indivíduo, processos respondentes selecionaram tal padrão - semelhante com o apresentado por Albert.

Em relação aos processos operantes, Lundin (1977), ainda na mesma obra, compara os efeitos comportamentais produzidos pela história com diferentes esquemas de reforçamento, observado em laboratório, na seleção de alguns traços de perso-

nalidade. Comportamentos tidos como sinônimo de determinação e autocontrole, por exemplo, estariam relacionados a uma história de reforço em razão fixa, na qual, o reforço é liberado apenas após alta frequência de respostas. História de reforço em intervalo variável, na qual o reforço é liberado contingente à emissão de respostas após um período variado, por exemplo, selecionariam o responder estável entendido como persistente. Vale salientar que ao longo de nossas vidas somos expostos a diversos esquemas de reforço muitas vezes entrelaçados. Lundin, abordou tal aspecto na seleção de classes de respostas, assim como os efeitos da extinção sobre o responder a depender de cada história de reforço.

Ludin (1997) e Skinner (1952, 1974) abordam em suas obras variáveis ambientais relacionadas a seleção de respostas comuns nas diversas personalidades descritas na literatura psicológica, entretanto, os transtornos da personalidade não são protagonistas em suas análises. Compreender a personalidade de uma perspectiva selecionista afeta diretamente nosso modo de analisar e investigar transtornos. Obras recentes da literatura analítico-comportamental apresentaram possibilidades de análise do fenômeno (Nelson-Gray et al., 2009).

Análise funcional de classes de respostas como modelo avaliativo dos transtornos de personalidade

No lugar de um modelo biomédico, que envolve a descrição topográfica dos transtornos, Nelson-Gray e colaboradores (2009), em um artigo publicado no periódico *The Behavior Analyst Today*, apontam que intervenções analítico-comportamentais em casos de transtornos de personalidade devem se pautar primeiramente na identificação das classes de respostas comuns aos transtornos e posterior análise funcional. As classes de respostas identificadas seriam definidas como comportamentos-alvo de avaliação e intervenção no processo terapêutico.

Analisar funcionalmente um comportamento, com o objetivo de identificar suas variáveis de controle previamente à definição de intervenções constitui prática do analista do comportamento - a despeito de diagnósticos - e possui larga evidência

de eficácia na mudança comportamental (Cooper, Heron & Heward, 1990; Iwata, 2008). De acordo com Nelson-Gray e colaboradores (2009), os sintomas de cada transtorno, por serem descrições topográficas de respostas, podem ser o ponto inicial de nossa análise. Por exemplo, se uma pessoa descreve que evita situações sociais por causa da ansiedade com uma possível desaprovação social, comum em transtorno de personalidade esquiva, o analista do comportamento deve analisar funcionalmente os comportamentos emitidos pelo cliente, identificando processos respondentes e operantes responsáveis pela sua seleção e manutenção.

Haynes, Nelson, Thacher e Kaholokula (2002) resumizam que as seguintes técnicas auxiliam na seleção e análise funcional de classes de respostas: Observação em contexto natural, entrevistas, questionários, automonitoramento, e medidas psicofisiológicas. Um ponto extremamente relevante de ser mencionado é que frequentemente os indivíduos emitem múltiplos comportamentos passíveis de análise e intervenção, e deste modo, o analista não deve de modo algum limitar sua análise as classes de respostas apontadas como fator diagnóstico.

Follette, Naugher e Linnerooth (2000) no trabalho intitulado *Alternativas Funcionais a Avaliação e Diagnóstico Tradicional*, descrevem o modelo SORC (sigla em inglês de Estímulo, Organismo, Respostas e Consequência) de análise funcional. Na análise funcional das classes de respostas, as variáveis ambientais antecedentes (i.e., estímulos discriminativos e operações estabelecidas), as consequentes (i.e., reforçadoras e punitivas) e as orgânicas (i.e., história de aprendizagem e variáveis biológicas) devem ser elucidadas. Tais componentes de análise provêm um sólido modelo de avaliação comportamental dos transtornos de personalidade por implicar a identificação de variáveis presentes, históricas e biológicas do indivíduo. Em Transtornos de Personalidade Borderline, por exemplo, comportamentos autolesivos são comumente apresentados. Ao considerarmos a autolesão como comportamento-alvo, devemos descrever minuciosamente respostas motoras apresentadas (e.g., cortes com estilete ao longo do antebraço) e as respostas fisiológicas (e.g., tensão, taquicardia). A análise dos eventos antecedentes é fundamen-

tal para identificar o cenário provável no qual o comportamento em análise ocorre e a dos eventos consequentes para identificar suas possíveis relações contingentes (e.g., familiares reforçando negativamente a autolesão ao cessar uma discussão ou retirar uma demanda). As variáveis orgânicas revelam causas históricas e características biológicas do organismo (e.g., alta sensibilidade a eventos aversivos, por exemplo) potencialmente relacionadas a seleção e manutenção das respostas de autolesão.

Nelson-Gray e colaboradores (2009) mostram algumas classes de respostas comumente apresentadas nos transtornos de personalidade e propõem que as pesquisas aplicadas que analisaram funcionalmente e interviram em tais classes sejam utilizadas como guia na intervenção analítico-comportamental. Dentre as classes de respostas apontadas pelos autores se encontram: (a) Raiva e hostilidade em contexto de rejeição, comuns em Transtorno de Personalidades Paranoide, antissocial, borderline, narcisista (Deffenbacher & McKay, 2000; McCann & Biaggio, 1989); (b) Comportamentos sociais inadequados, comuns em Transtornos de Personalidade Paranoide, Esquizoide e Esquizotípica (Pratt & Mueser, 2002); (c) Dificuldade em tomar decisões, comum em transtorno de personalidade Borderline, histriônica e Dependente (Davis, Eshelman & McKay, 2000) e (d) Ideação paranoide, comuns em Transtornos de Personalidade Paranoide, Esquizoide e Esquizotípica (Zinbarg, Craske & Barlow, 1993).

Conforme anteriormente mencionados, além das classes de respostas específicas citadas acima, existem critérios gerais de diagnósticos, apontados no DSM. Este é o caso dos padrões estáveis do comportamento, que geralmente se iniciam na adolescência e perduram ao longo da vida adulta; da inabilidade social, com respostas emocionais e interações sociais que desviam do esperado socialmente e da impulsividade, demonstrada muitas vezes em reações rápidas e inesperadas que geram prejuízos em longo prazo. A seguir alguns modelos experimentais que investigam classes de respostas relacionadas aos critérios gerais diagnosticados serão apresentados.

Modelos experimentais de classes de respostas relacionadas aos critérios gerais diagnósticos

Um fator reconhecidamente comum aos transtornos de personalidade é o fato de classes de respostas se manterem inalteradas ao longo da vida do indivíduo. Manter-se respondendo de modo semelhante em longos períodos é comumente relacionado a um responder persistente, ou seja, inalterado mesmo frente às alterações ambientais. Em relação à persistência comportamental, na literatura analítico-comportamental encontramos áreas que focam seu interesse na investigação das variáveis responsáveis pela manutenção do responder, ainda que a contingência tenha se alterado. Tradicionalmente, o responder persistente era tratado sob o rótulo de força da resposta. Autores, como Nevin e Grace (2000), substituíram o termo por *momentum comportamental* e investigaram o fenômeno experimentalmente.

No modelo experimental de *momentum comportamental* duas medidas são alvo de análise, a frequência com que uma resposta é emitida por unidade de tempo (taxa de respostas) e o grau de alteração no responder quando alguma condição é alterada (proporção de mudança). Em síntese, os estudos de *momentum comportamental* expõem, em uma fase inicial, o organismo a um programa de reforço múltiplo e, após a estabilidade do responder, alguma alteração ambiental é realizada (e.g., extinção em vigor ou adição de evento aversivo) e os efeitos no responder são mensurados. A alteração ambiental realizada no modelo é denominada de *Operação Disruptiva*. Quando menor a alteração no responder mais resistente às mudanças nas contingências em vigor um comportamento seria. O esquema múltiplo é utilizado na investigação do fenômeno por possibilitar a análise do efeito no responder em ambas as condições programadas. O modelo é uma analogia à mecânica clássica. A taxa de respostas é equivalente a velocidade com que um corpo se desloca e a resistência às mudanças é equivalente a massa. O produto da taxa de respostas e a resistência às mudanças é o próprio *momentum comportamental* (Nevin, Mandell & Atak, 1983).

A mensuração da resistência às mudanças não é focada na taxa de resposta em si, mas na maior ou menor manutenção do responder. Por exemplo, imagine que organismo está exposto a um programa de reforço múltiplo cujas as taxas de respostas são de 100 resposta por minuto no primeiro componente e 50 respostas por minuto no segundo. Após a inserção de choques contingentes ao responder, a taxa de respostas do Componente 1 e 2 passou a ser de 80 e 30 respostas por minuto respectivamente. Em qual componente o responder foi mais resistente? Se analisarmos somente a taxa de resposta podemos dizer que em ambos os componentes o efeito foi o mesmo, a redução de 20 respostas por minutos, no entanto, no primeiro componente temos a redução de 20% da taxa de respostas e foi de 40%. Portanto, no primeiro componente se nota uma maior resistência às mudanças em comparação ao segundo (dos Santos, 2005).

A literatura de *momentum comportamental* identificou algumas variáveis responsáveis por uma maior ou menor alteração no responder. Estudos indicam que a magnitude do reforço é proporcional a resistência às mudanças. Harper e McLean (1992), por exemplo, expuseram pombos a um programa de reforço múltiplo VI 120 s que se diferenciavam apenas pela quantidade de tempo que o reforço programado era disponibilizado (2 e 6 segundos). A operação disruptiva programada foi a liberação do reforço por três segundos entre os componentes. Os resultados indicaram que no componente com maior tempo de acesso ao reforço a taxa de respostas apresentou menor alterações indicando uma maior resistência às mudanças.

Santos (2001) demonstrou que variáveis sociais também podem afetar a manutenção do responder. Em seu estudo ratos foram expostos a um esquema múltiplo VI 10 s e VI 90 s em uma primeira fase. Após a estabilidade no responder, na segunda fase os sujeitos tinham livre acesso ao reforçador previamente a sessão. A segunda fase foi dividida em duas condições. Em uma condição os ratos estavam sozinhos na caixa e na segunda estavam em par. Os resultados indicaram que, quando estavam em par, a taxa absoluta de respostas aumentou indicando neste caso maior resistência às mudanças, principalmente no componente VI 10s que garantia a maior taxa de reforços.

Outras variáveis foram apontadas como responsáveis pela diminuição da resistência às mudanças. Estudos apontam que o atraso do reforço não sinalizado aumenta a probabilidade de alterações no responder. Bell (1999), por exemplo, expôs pombos a um esquema múltiplo de três componentes. Nos dois primeiros componentes um VI 120 estava em vigor e o reforço era disponibilizado com um atraso de 3 ou 8 segundos. No primeiro componente não havia sinalização do atraso e no segundo a sinalização ocorria pela alteração na cor do disco. O terceiro componente era um VI 123 ou VI128 a depender do atraso programado nos componentes anteriores. A operação disruptiva programada foi a apresentação do alimento entre os componentes e a extinção. Os resultados demonstraram que a diminuição da taxa de resposta foi mais evidente no componente sem a sinalização do atraso do reforço indicando menor resistência a mudanças em tal componente.

Os resultados da área de *momentum comportamental*, apesar de terem sido obtidos em contexto de pesquisa básica, podem nos auxiliar a elucidar as variáveis que selecionaram classes de respostas persistentes mesmo quando, aparentemente garantem prejuízos a qualidade de vida de um indivíduo. De acordo com os resultados de Harper e McLean (1992), por exemplo, podemos investigar se histórias de reforço de alta magnitude são responsáveis pela manutenção de classes de respostas tidas como desviantes da cultura vigente ou prejudiciais as suas interações sociais. No Transtorno de Personalidade Esquizotípica, por exemplo, é comum a emissão de classes de respostas identificadas como fanatismo religioso. O analista do comportamento deve analisar se existe uma história de reforço de alta magnitude que selecionou este responder (e.g., reforço social na infância e adolescência por emitir respostas verbais consideradas por sua comunidade verbal como de cunho extremamente religioso) e que o mantém mesmo que não garanta mais acesso aos mesmos reforçadores (e.g., amigos se afastam por causa do seu fanatismo e intolerância religiosa). É necessário ressaltar que *Momentum* é uma análise usada para descrever o responder persistente em face de interrupções em um contexto e recorte temporal específicos (Mace, 1992), enquanto que o termo Personalidade se refere ao responder persistente estendido temporalmente em múltiplos

contextos. No entanto, conforme relatado anteriormente, os achados obtidos com o modelo podem apontar variáveis relacionadas com a persistência de padrões comportamentais considerados socialmente inadequados ou patológicos que aparentemente não garantem acesso a reforçadores.

Em relação às inabilidades nas relações sociais, o paradigma naturalístico de mãe abusiva nos auxilia a compreender variáveis históricas responsáveis por selecionar interações sociais e respostas emocionais que desviam da norma. Em tal modelo experimental, o apego “mãe e filhote” em espécies altriciais é investigado mensurando respostas de cuidados parentais e de interação da roedora com seu filhote a depender das condições ambientais arranjadas. O apego é foco de análise no modelo experimental, uma vez que, de acordo com estudos embasados na teoria do apego, a qualidade de interações do sujeito com o seu cuidador é apontado como base imprescindível para o desenvolvimento sócio-emocional inicial e um elemento preditor da qualidade das interações sociais ao longo da vida (Asolp-Shields & Mohay, 2001; Bowlby, 1984; Hofer, 2006; Petrovich & Gewirtz, 1991).

Em relação aos humanos podemos descrever que os comportamentos indicativos do apego do bebê com o cuidador seriam as respostas de manter contato visual, se aproximar, contato físico, seguir, agarrar, sorrir, chorar e chamar entre outros. Um pouco mais tarde no seu desenvolvimento seriam respostas de se aproximar e ir em direção ao cuidador. Tais respostas acontecem no início da vida controladas em sua maioria por estados de privação (e.g., fome, sede) e ao longo da interação o controle por reforço social toma papel de destaque. Outro fator que aumenta a probabilidade de respostas de apego, ou a busca pelo cuidador, seria a presença de eventos potencialmente aversivos. Em espécies como a nossa, incapazes de se autoprotegerem desde o nascimento, a sobrevivência inicial depende fundamentalmente da qualidade da interação, ou do apego, da prole com seu cuidador. É provável, portanto que para sobreviver os infantes tenham uma preferência natural pelo cuidador, responsável por prover os reforçadores disponíveis necessários, mesmo que essa interação seja aversiva, selecionada (Petrovich & Gewirtz, 1991; Bijou & Baer, 1961/1976; Skinner, 1953).

No paradigma naturalístico de mãe abusiva¹, por exemplo, é disponibilizado para a roedora uma quantidade de material insuficiente para a construção do ninho. Como consequência a roedora gasta mais tempo emitindo respostas de construir o ninho em comparação com as roedoras que receberam todo o material necessário (Rainecki et al, 2015). Construir o ninho por mais tempo a obriga a permanecer mais tempo longe dos filhotes, diminuindo o tempo de amamentação e aumentando a frequência de interações inadequadas (i.e., lambidas bruscas, pisar no filhote, transporte descuidado e inadequado, entre outros).

Rainecki e colaboradores (2015) investigaram os efeitos do histórico de abuso em roedores em medidas de depressão, de interação social e motivação sexual. Dois modelos de abuso da primeira infância foram usados: o paradigma de uma mãe abusiva e um paradigma de condicionamento de odores no qual um novo odor era pareado com um leve choque elétrico. O desempenho dos animais foi comparado entre ambos os grupos experimentais e o controle. Inicialmente os autores testaram em um labirinto Y a preferência por odores (familiar de maravalha limpa utilizada na construção do ninho ou odores alternativos). Quando adultos, os animais foram expostos ao teste de nado forçado, de comportamento social e de motivação sexual. Ambos os modelos de abuso na primeira infância induziram a preferência por odores maternos na infância. Os filhotes dos grupos experimentais mostraram menos respostas de aproximação às mães e quando adultos apresentaram um aumento do tempo de imobilidade no teste de nado forçado e prejuízo de interações sociais. Nenhum dos paradigmas de abuso induziu déficits na motivação sexual quando comparado com os ratos controle; no entanto, a apresentação do odor materno aumentou o número de acasalamento em todos os grupos. Estudos semelhantes (Perry & Sullivan, 2014) revelaram ainda que os roedores submetidos ao modelo de mãe abusiva apresentam em maior frequência respostas ativas de medo diante o odor de predadores (ficar em pé, se aproximar, apoiando-se nas patas traseiras).

1 No lugar de *mãe abusiva*, deveríamos adotar *contingências abusivas*, uma vez que as alterações comportamentais da mãe em relação à prole ocorrem em função dos arranjos ambientais programados.

O paradigma naturalístico de mãe abusiva é análogo às situações nas quais crianças sofreram abusos ou passaram por situações de negligência na primeira infância. Em situações nas quais os pais trabalham em excesso e possuem recursos financeiros escassos, por exemplo, o cuidado poderia ser inadequado. Estudos indicam que crianças com histórico de abuso/negligência prestam mais atenção a rostos raivosos (e.g., Ayoub et al., 2006) e os identificam mais rapidamente com menos dicas ambientais (e.g., Pollak & Sinha, 2002). Provavelmente essa atenção ampliada a uma possível ameaça é uma classe de respostas reforçada negativamente por diminuir a probabilidade de contato com eventos aversivos, ou seja, a ocorrência de abusos.

Os resultados encontrados no modelo de mãe abusiva nos dão pistas de histórias potencialmente relacionadas à seleção de classes de respostas apresentadas nos transtornos de personalidade. Conforme apontado por Pollak e Sinha (2002), por exemplo, histórias com abuso ampliam a atenção a potenciais ameaças. Nos transtornos de personalidade paranoide, de esquiva e esquizoide, por exemplo, a identificação demasiada de potenciais ameaças pode estar relacionado aos padrões de desconfiança e paranoia, comumente apresentados. Vale mencionar ainda que históricos de abuso e negligência infantil são considerados fator de risco para o desenvolvimento do transtorno de personalidade borderline (Hofer, 2006). O estudo de Nickell e colaboradores (2002), por exemplo, aponta que a percepção relativa da falta de cuidado e proteção dos cuidadores estão associados com organizações borderline na infância e adolescência. Jordão e Ramires (2010) pontuam ainda, que a vida de pessoas diagnosticadas com transtorno de personalidade borderline é frequentemente marcada por situações de desamparo, fragilidades nos vínculos com os cuidadores e vivências diversas de abusos. Deste modo, a investigação das variáveis que afetam a qualidade das interações sociais e dos cuidados na primeira infância é fundamental na compreensão do transtorno.

A impulsividade é mencionada no DSM- V (2013) como característica geral diagnóstica dos transtornos de personalidade. Ela é mencionada na especificação da existência de comportamentos que desviam da norma da área de controle de impulsos. Na perspectiva analítico-comportamental,

a impulsividade se refere à emissão de comportamentos sob o controle de consequências imediatas que potencialmente levariam a prejuízos em longo prazo (Skinner, 1953). O abuso no consumo de substâncias psicoativas, por exemplo, é considerado um exemplo de resposta impulsiva por propiciar o contato com reforçadores imediatos (i.e., efeitos fisiológicos da própria substância, o cessar dos sintomas de abstinência, o contato social com outros usuários, esquiva de demandas, entre outros). Por ser reforçado imediatamente, o consumo de substância passa a ocorrer em alta frequência e ocupar grande parte da rotina do usuário. No entanto, em longo prazo consumir a substância em excesso pode afetar negativamente a saúde, interações sociais e produtividade, uma vez que, as classes de respostas relacionadas ao consumo são em grande parte incompatíveis com comportamentos que previnem malefícios a saúde dos indivíduos (e.g., realizar sexo com proteção), garantem a inserção escolar/profissional (e.g., chegar no horário na escola/local de trabalho e realizar as demandas exigidas) e as interações sociais saudáveis (manter contato com familiares e amigos que não aprovam o padrão de consumo e seus efeitos).

O estudo das variáveis relacionadas a emissão de comportamentos impulsivos na psicologia ganhou um destaque especial após a publicação de uma série de pesquisas que relacionaram a impulsividade como fator preditivo de pior desempenho escolar, profissional e até mesmo menor qualidade das relações efetivas e sociais (Rachlin, 2000).

Experimentalmente, comportamentos impulsivos são investigados na perspectiva analítico-comportamental expondo organismo, humanos e infra-humanos, em uma situação de escolha concorrente, na qual um elo de escolha é apresentado. Escolher um estímulo tem como produto o contato imediato com um reforçador de menor magnitude e a escolha do segundo tem como produto o contato atrasado com um reforçador de maior magnitude. Neste modelo experimental, escolher o estímulo relacionado ao reforço atrasado é considerada uma escolha autocontrolada, por garantir melhores benefícios em longo prazo, e a escolha da opção concorrente, que garanta o reforço imediato é a resposta impulsiva (e.g., Benedick & Dixon, 2009; Neef, Bicard, & Endo, 2001; Myerson & Green, 1995).

É vasta a literatura, no campo da análise do comportamento, interessada em investigar as variáveis que determinam as escolhas impulsivas. Rachlin e Green (1972), por exemplo, demonstraram, com pombos, sucesso na diminuição de escolhas impulsivas com a inserção de um elo prévio no processo de escolha. Até então, os sujeitos em situação experimental eram expostos a um único elo de escolha - uma opção garantia o acesso a consequências imediatas de menor magnitude, e a outra a consequências atrasadas de maior magnitude. Com a introdução do elo prévio, uma das opções garantia o acesso a um estímulo relacionado à consequência atrasada - impossibilitando o acesso à consequência imediata - e a outra opção garantia o acesso ao elo "tradicional" de escolha. Os pombos, que na presença de apenas um elo, escolhiam a consequência imediata, após a introdução do elo prévio, passaram a escolher o estímulo que eliminava o contato com a consequência imediata, diminuindo desta forma a frequência de escolhas impulsivas. De acordo com os autores, ao eliminar a possibilidade de contato com a consequência imediata o sujeito estaria emitindo uma *resposta de compromisso* de se comportamento de modo autocontrolado. Outras variáveis com eficácia demonstrada na redução de escolhas impulsivas é a inserção gradual do atraso do reforço de maior magnitude (e.g, Dixon & Falcomata, 2004) e a possibilidade de emitir respostas ao longo do atraso do reforço (e.g., Newquist, Dozier & Neidert, 2012).

Com humanos adultos, é comum investigar o fenômeno analisando o padrão de escolhas entre consequências hipotéticas entregues com diferentes valores e atrasos. Em estudos como o de Bickel, Odun e Madden (1999), por exemplo, os participantes são expostos a uma tarefa que avaliava a preferência por valores monetários menores entregues imediatamente e maiores entregues com atraso (e.g., R\$ 100 imediatamente ou R\$ 1000 após seis meses de atraso). O gradiente com o qual o valor reforçador da consequência maior atrasada é descontado é estimado por um modelo exponencial e hiperbólico de análise. Os resultados de estudos com tarefa experimental focada e em escolha de valores hipotéticos relacionam positivamente o desempenho impulsivo na tarefa, demonstrado pela escolha dos valores menores imediatos, a emissão comportamentos tidos como impulsivos em con-

texto natural (e.g., consumo de tabaco, álcool, comer excessivo e sexo sem proteção).

Padrões impulsivos de respostas são comuns nos Transtornos de Personalidade Borderline e Antissocial. As respostas sob o controle de consequências imediatas, a despeito dos prejuízos em longo prazo, são apresentadas em múltiplas topografias, como o comer compulsivo, nos gastos em excesso, nas compras compulsivas e no uso de substâncias psicoativas. Apesar de não terem sido conduzidas em participantes diagnosticados com transtorno de personalidade, as pesquisas que investigam variáveis que afetam a tomada de decisão e as variáveis que diminuem a probabilidade de respostas impulsivas podem nos auxiliar a delinear intervenções nos transtornos nos quais a impulsividade está inserida no quadro. Procedimentos reconhecidos experimentalmente como eficazes no aumento de escolhas sob o controle de consequências atrasadas, como a possibilidade de emissão de respostas de compromisso, o aumento gradual do atraso do reforço e a possibilidade de emitir respostas alternativas ao longo do atraso da consequência, portanto, podem fomentar pesquisas aplicadas e o delineamento de procedimentos de intervenção em indivíduos com alta probabilidade de emitirem respostas impulsivas.

Considerações Finais

A análise do comportamento é um campo científico com rica produção na identificação das variáveis históricas e atuais responsáveis por selecionar e manter as mais diversas classes de respostas. Adicionalmente, determina que a atuação do analista do comportamento deve ser pautada na análise funcional dos comportamentos elencados como alvo (Cooper et al., 1990) nos diversos estudos experimentais. Tais estudos são a base interpretativa para que o analista do comportamento possa extrair a análise das contingências em operação nas situações de aplicação (Malavazzi, 2018). Estudos interessados nos transtornos de personalidade ainda são escassos na literatura analítico-comportamental, no entanto, os estudos que investigaram as classes de respostas comuns aos transtornos (Nelson-Gray et al., 2009) lançam luz e são de grande auxílio na compreensão

do ambiente selecionador e nas possibilidades de intervenção.

Os modelos experimentais descritos anteriormente (*momentum comportamental*, paradigma naturalístico de mãe abusiva e impulsividade), são exemplos de pesquisas básicas que podem nos auxiliar no processo de construção de intervenções baseadas em evidências científicas nos transtornos de personalidade. Os modelos experimentais, focados em comportamentos comuns nas psicopatologias nos fornecem dados significativos e fomentam a transposição de seus achados para pesquisas translacionais e aplicadas interessadas nos mesmos fenômenos (Lattal, 2006).

Mesmo considerando as limitações próprias de um modelo experimental na investigação de um conceito tão complexo quanto o de Personalidade, os três modelos citados possibilitam análises interessantes. O estudo do *momentum comportamental*, por exemplo, nos auxilia a compreender padrões comportamentais inalteráveis mesmos frente a disrupções, tão comuns nos transtornos de personalidade. O modelo de mãe abusiva, contido na Teoria do apego, demonstra que compreender a interação inicial entre cuidador-criança é fundamental para o estudo da formação do que entendemos por personalidade e pode oferecer respostas às questões investigadas referentes ao desenvolvimento humano e aos padrões de comportamento sociais estáveis de um indivíduo ao longo da vida. Estudos focados na investigação de respostas impulsivas, podem identificar variáveis que aumentem a probabilidade de o comportamento ser controlado por consequências em longo prazo e, desta maneira, garantir o acesso a reforçadores individuais e sociais poderosos, que se observam escassos na vida de pessoas tidas como imediatistas.

A compreensão de personalidade na perspectiva analítico-comportamental, por se embasar em um modelo de seleção por consequências, nos possibilita compreender o fenômeno como algo em constante construção e passível de modificação, uma vez que é determinado, em partes, pelas contingências históricas e, em partes, pelas vigentes (Banaco et al, 2012; Skinner, 1974). A possibilidade de intervenção e modificação, também é transposta para os casos que recebem o diagnóstico de Transtorno de Personalidade. Conforme apontaram Simonsen e Widiger (2006), muitos indivíduos

os alcançam critério para mais de um transtorno, o que seria um complicador no diagnóstico e estabelecimento de intervenções de acordo com o modelo biomédico vigente. Compreender a personalidade e seus transtornos, na perspectiva analítico-comportamental é fundamental nesses casos, pois as classes de respostas emitidas nos mais diversos ambientes – assim como nos que se encontram em constante modificação – são alvo de análise funcional.

Apesar de apresentar uma visão do fenômeno, altamente diversa do encontrado em modelos diagnósticos e apresentar a análise funcional como prática avaliativa fundamental nos transtornos de personalidade, não é objetivo dos autores do presente trabalho, sugerir que a classificação diagnóstica deveria ser abandonada. Descrever um quadro clínico topograficamente, como acontece no DSM, possibilita o diálogo entre múltiplas áreas científicas e entre profissionais atuantes no contexto de saúde mental. Nossa proposta é que, para além do modelo diagnóstico realizado tradicionalmente, a análise funcional das interações ambientais seja um caminho norteador das intervenções a serem adotadas.

Referências

- Andery, M. A. (1997b). O modelo de seleção por consequências e a subjetividade. Em R. Banaco. (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 199-208). Santo André, SP: ARBytes.
- American Psychiatry Association (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5*. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association.
- Alchieri, C.A.; Cervo, C.S. & Núñez, J.C. (2005). Avaliação de estilos de personalidade segundo a proposta de Theodore Millon. *PSICO*, 36(2), 175-179.
- Alsop-Shields, L., & Mohay, H. (2001). John Bowlby and James Robertson: theorists, scientists and crusaders for improvements in the care of children in hospital. *Journal of Advanced Nursing*, 35(1), 50-58. doi:10.1111/jan.13031
- Atkinson, R. L., Atkinson, R. C., Smith, E. E., Bem, D. J., & Nolen-Hoeksema, S. (2002). *Introdução à psicologia de Hilgard*. Porto Alegre: Artmed.
- Banaco, R. A., Vermes, J. S., Zamignani, D. R., Martone, R. C., & Kovac, R. (2012). Personalidade. In M. M. C. Hubner & M. B. Moreira (Orgs.), *Fundamentos de Psicologia: Temas clássicos em psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. Rio de Janeiro: Koogan.
- Bell, M. C. (1999). Pavlovian contingencies and resistance to change in a multiple schedule. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 72, 81-96. doi: 10.1901/jeab.1999.72-81
- Bell-Pringle, V. J., Pate, J. L., & Brown, R. C. (1997). Assessment of borderline personality disorder using the MMPI-2 and the Personality Assessment Inventory. *Assessment*, 4, 131-139. doi:10.1177/107319119700400203
- Benedick, H., & Dixon, M. R. (2009). Instructional Control of Self-Control in Adults with Co-Morbid Developmental Disabilities and Mental Illness. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 21(6), 457-471. doi:10.1007/s10882-009-9166-4
- Bickel, W. K., Odum, A. L., & Madden, G. J. (1999). Impulsivity and cigarette smoking: Delay discounting in current, never, and ex-smokers. doi: 10.1007/PL00005490
- Bijou, S. W., & Baer, D. M. (1976). *Psicología del desarrollo infantil: teoría empírica y sistemática de la conducta*. México: Editorial Trillas. (Obra originalmente publicada em 1961).
- Bowlby, J. (1984). *Apego* (Vol. 1, Trilogia Apego e Perda). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1969).
- Caballo, V. E. (2008). *Manual de transtornos da personalidade: Descrição, avaliação e tratamento*. São Paulo: Santos.
- Carver, Charles S. & Scheier, Michael F. (2000). *Perspectives on personality*. Boston: Allyn and Bacon.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Chapman JP, Chapman LJ, Kwapil TR. (1995). *Scales for the measurement of schizotypy*. In: Raine A, Lencz T, Mednick SA, editors. Schizotypal personality. New York: Cambridge University Press.
- Corr, P. J. (2004). Reinforcement sensitivity theory and personality. *Neuroscience and Biobehavioral*

- Reviews*, 28, 317-332. doi: 016/j.neubio-rev.2004.01.005
- Corr, P. J. (2008). *The Reinforcement Sensitivity Theory of Personality*. Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511819384
- Cooper, J. O., Heron, T. E., & Heward, W. L. (2007). *Applied behavior analysis* (2nd ed.). Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall
- Davis, M., Eshelman, E. R., & McKay, M. (2000). *The relaxation and stress reduction workbook* (5th ed.). Oakland, CA: New Harbinger Publications, Inc.
- Deffenbacher, J.L., & McKay, M. (2000). *Overcoming situational and general anger: A protocol for the treatment of anger based on relaxation, cognitive restructuring, and coping skills training*. Oakland, CA: New Harbinger Publications, Inc.
- De Rose, J.C. (1997). *O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: contribuições conceituais e experimentais*. In Banaco, R. (Org). *Sobre Comportamento e Cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do comportamento e Terapia Cognitivista*. (V.1, pp.148-173.)
- Dixon, M. R., & Falcomata, T. S. (2004). Preference for progressive delays and concurrent physical therapy exercise in an adult with acquired brain injury. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 37(1), 101-5. doi:10.1901/jaba.2004.37-101
- dos Santos, C. V. (2005). Momento comportamental. In R. M. R. R. J. A. (Orgs.), *Análise do comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (Vol. 1, pp. 63-80). Porto Alegre: Artmed.
- Ethegoyen, R. Horacio (2004). *Fundamentos da Técnica Psicanalítica* 2ª Ed. Porto Alegre-RS: Artmed. ISBN 85-363-0206-2
- Fadiman, J., & Frager, R. (2002). *Teorias da personalidade*. São Paulo: HARBRA.
- Follette, W. C., Naugle, A. E., & Linnerooth, P. J. N. (2000). Functional alternatives to traditional assessment and diagnosis. In M. J. Dougher (Ed.), *Clinical behavior analysis* (pp. 99-125). Reno, NV: Context Press. .
- Lattal, K. A. (2006). O lado humano do comportamento animal. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2(1), 1-19. doi: 10.18542/rebac.v2i1.798
- Raineki, C., Sarro, E., Rincón-Cortés, M., Perry, R., Boggs, J., Holman, C. J. & Sullivan, R. M. (2015). Paradoxical neurobehavioral rescue by memories of early-life abuse: the safety signal value of odors learned during abusive attachment. *Neuropsychopharmacology*, 40(4), 906-914. doi:10.1038/npp.2014.266..
- Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25-33.
- Haynes, S. N., Nelson, K. G., Thacher, I., & Kaholokula, J. K. (2002). *Outpatient behavioral assessment and treatment target selection*. In M. Hersen & L. K. Porzelius (Eds.), *Diagnosis, conceptualization, and treatment planning for adults: A step-by-step guide* (pp. 35-70). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Harper, D. N. (1996). Response-independent food delivery and behavioral resistance to change. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 65, 549-560. doi: 10.1901/jeab.1996.65-549
- Hofer, M. (2006). Psychobiological roots of early attachment. *Current Directions in Psychological Science*, 15, 84-88. doi: 10.1111/j.0963-7214.2006.00412.x
- Iwata, B. A., & Dozier, C. L. (2008). Clinical Application of Functional Analysis Methodology. *Behavior Analysis in Practice*, 1(1), 3-9. <http://doi.org/10.1007/BF03391714>
- Lundin, R. W. (1977). *Personalidade: Uma análise do comportamento* (R. R. Kerbauy, Trad.). São Paulo, SP: EPU. (Original publicado em 1969).
- Malavazzi, M. D. (2018). *Interpretação: Objetivo e método de ciência em B. F. Skinner* (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- McCann, J. T., & Biaggio, M. K. (1989). Narcissistic personality features and self-reported anger. *Psychological Reports*, 64, 55-58. doi: 10.2466/pr0.1989.64.1.55
- Myerson, J., & Green, L. (1995). Discounting of delayed rewards: Models of individual choice. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 64(3), 263-276. doi:10.1901/jeab.1995.64-263
- Neef, N. a, Bicard, D. F., & Endo, S. (2001). Assessment of impulsivity and the development of self-control in students with attention deficit hyperactivity disorder. *Journal of Applied*

- Behavior Analysis*, 34(4), 397–408. doi:10.1901/jaba.2001.34-397
- Nelson-Gray, R. O., & Farmer, R. F. (1999). Behavioral assessment of personality disorders. *Behaviour Research and Therapy*, 37, 347-368. doi:10.1016/S0005-7967(98)00142-9
- Nelson-Gray, R. O., Lootens, M. C., Mitchell, T. J., Robertson, D. C., Hundt, E. N., & Kimbrel, A. N. (2009) Assessment and Treatment of Personality Disorders: A Behavioral Perspective. *Behavior Analysis Today*, 10 (1), 1-40. doi:10.1037/h0100662
- Nevin, J. A.; Grace, R. C. (2000). Behavioral momentum and the Law of Effect. *Behavioral and Brain Sciences*, 23, 73-90. doi: 10.1017/S0140525X00002405
- Nevin, J. A.; Mandell, C.; Atak, J. R. (1983). The analysis of behavioral momentum. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 39,49-59. doi: 10.1901/jeab.1983.39-49
- Newquist, H. M., Dozier, L. C. & Neidert, L. P. (2012). A comparison of the effects of brief rules, a timer, and preferred toys on self-control. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 45, 497-509. doi: 10.1901/jaba.2012.45-497
- Nickell, A. D., Waudby, C. J., & Trull, T. J. (2002). Attachment, parental bonding and borderline personality disorder features in young adults. *Journal of Personality Disorders*, 16, 148-159. doi: 10.1521/pedi.16.2.148.22544
- Petrovich, S. B., & Gewirtz, J. L. (1991). Imprinting and attachment: Proximate and ultimate considerations. in J. L. Gewirtz & W.M. Kurtines (Eds.), *Intersections with attachment*, (pp. 69-93). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Petrovich, S. B., & Gewirtz, J. L. (1991). Imprinting and attachment: Proximate and ultimate considerations. In *Intersections with attachment*, 69-93. In J.L. Gewirtz & W. M. Kurtines (Eds.), *Intersections with attachment* (pp. 69-93). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Pratt, S., & Mueser, K. T. (2002). Social skills training for schizophrenia. In S. G. Hofmann & M. C. Tompson (Eds.), *Treating chronic and severe mental illness* (pp. 18-52). New York, NY: Guilford Press.
- Pollak, S. D., & Sinha, P. (2002). Effects of early experience on children's recognition of facial displays of emotion. *Developmental Psychology*, 38(5), 784-791. doi: 10.1037/0012-1649.385.719.
- Rachlin, H. (2000). *The science of self-control*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Rachlin, H., & Green, L. (1972). Commitment, choice and self-control. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 17, 15-22. doi: 10.1901/jeab.1972.17-15
- Raine A. – The SPQ: A scale for the assessment of schizotypal personality based on DSM-III-R criteria. *Schizophrenia Bull.* 1991;17(4):555-564. doi: 10.1093/schbul/17.4.555
- Santos, C. V. (2001). *Efeitos do contexto social sobre a resistência a mudança*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Simonsen, E., & Widiger, T.A. (2006). Introduction to Dimensional models of personality disorders. In T.A. Widiger, E. Simonsen, P.J. Sirovatka, & D.A. Regier (Eds.), *Dimensional models of personality disorders: Refining the research agenda for DSM-V*, (pp. xxv xxxiii). Washington, D.C.: American Psychiatric Association.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Knopf.
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. São Paulo, SP: Paradigma.
- Zinbarg, R.E., Craske, M.G., & Barlow, D.H. (1993). *Mastery of your anxiety and worry: Therapist guide*. United States of America: Graywind Publications Inc.

Informações do Artigo

Histórico do artigo:

Submetido em: 31/08/2018

Primeira decisão editorial: 17/04/2019

Versão definitiva aceita em: 08/05/2019

Editor Associado: Denis Roberto Zamignani